

## UM SONETO INÉDITO DA 1.<sup>a</sup> VISCONDESSA DE BALSEMÃO SEGUIDO DE UMA RÉPLICA DO SEU MARIDO

Autora de uma obra vasta e com muitos motivos de interesse, durante longo tempo ignorada e quase totalmente inédita, D. Catarina Micaela de Sousa César e Lencastre (1749-1824) foi nos últimos anos objecto de duas dissertações de doutoramento: a de Zenobia Collares Moreira Cunha<sup>1</sup> e a de M. Luísa Malato R. Borralho<sup>2</sup>. Graças a esses dois trabalhos, a *Safo portuguesa* foi recolocada em circulação, vindo finalmente a sua obra editada e estudada de forma sistemática.

Tomando por referência as publicações de Zenobia Cunha e Luísa Malato, vimos agora acrescentar um pequeno elemento, obtido de forma casual em recente passagem pela Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora. Trata-se de um soneto inédito, que encontramos no Ms. 424 do Fundo Manizola dessa biblioteca, uma miscelânea que recolhe poesia da segunda metade do século XVIII. O poema vem no f. 34r e não parece acrescentar nada de significativo àquilo que já se sabia da obra da 1.<sup>a</sup> Viscondessa de Balsemão. Basicamente, a autora enaltece, de forma engenhosa, a constância da perpétua.

Segue-se, no f. 34v, um soneto de Luís Pinto de Sousa (1735-1804), feito «pelos mesmos consoantes» (e quase sempre usando as mesmas palavras de rima), em louvor do texto precedente. Conhecido como militar, diplomata e governante, o 1.<sup>o</sup> Visconde de Balsemão, marido de D. Catarina, foi também poeta, ainda que a sua obra tenha permanecido inédita.

---

<sup>1</sup> *O Pré-romantismo Português — Subsídios para a sua compreensão*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1992.

<sup>2</sup> *D. Catarina de Lencastre (1749-1824) — Libreto para uma autora quase esquecida*, 2 tomos; Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999.

Editamos de seguida os dois sonetos, de acordo com as normas que temos vindo a seguir para a publicação de textos deste período<sup>3</sup>.

À Perpétua. Pela Ilustríssima Senhora D. Caterina César de Lencastre

Pastores destes vales habitantes,  
Pastores que viveis nesta Espessura;  
Quero de vós saber se por ventura  
Há no mundo Perpétuas inconstantes.

5 Nos montes mais vizinhos e distantes  
Entre vós a Perpétua sempre dura,  
Animada daquela igual ternura  
De vossos corações firmes e amantes.

10 Por não ter de Alecrim a variedade,  
Conserva sempre o ser de amor-perfeito,  
Sem que entre nela o roixo da saudade.

O tempo lhe não muda o raro efeito,  
E sendo tenra flor, na realidade  
Tem duração eterna em nosso Peito.

---

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, *Quatro Poetas Brasileiros do Período Colonial — Estudos sobre Gregório de Matos, Basílio da Gama, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga*, Porto, Edição do Autor, 1998, p. 13-14.

Em louvor do Soneto antecedente, pelos mesmos consoantes

Pinto de Soiza

Sobre as ondas do Minho os habitantes  
Do líquido Elemento e da Espessura  
Ouviram seus assentos, que à ventura  
Sujeitam as suas Leis sempre constantes.

- 5   Aos ecos solitários e distantes  
O Pastor os repete, e já procura  
Gravá-los sobre os troncos, que a brandura  
Destes versos em si guardam amantes.

- Eles têm da Natura a variedade,  
10  A força de animar o amor-perfeito  
E de enxugar o pranto da saudade.

Vede se pode haver mais raro efeito  
Que atar o doce Amor à liberdade  
Com o poder divino de teu Peito!

*Francisco Topa*